

## **IMIGRANTES PALESTINOS NA CIDADE DE CORUMBÁ - MS: ASPECTOS CULTURAIS E IDENTITÁRIOS**

## **PALESTINIAN IMMIGRANTS IN THE CITY OF CORUMBÁ - MS: CULTURAL AND IDENTITY ASPECTS**

**ADHAM NAJEH ABDEL HAMID MOHD MUSTAFA**

Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade Anhanguera – UNIDERP, Campus Campo Grande / MS e Doutorando em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Campus Porto Alegre / RS  
adham\_mos@yahoo.com

**LUANA LOPES DE OLIVEIRA**

Mestra em Administração pela PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Campus São Paulo / SP e Doutora em Administração pela ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing, Campus São Paulo / SP  
doutoraluanasuerte@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar as práticas culturais de palestinos em Corumbá, no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. Os dados primários foram colhidos por meio de aplicação de questionário com perguntas abertas com dez líderes e membros mais antigos da comunidade. Fontes secundárias foram buscadas em livros, artigos científicos e reportagens da imprensa da cidade. Corumbá tem forte presença palestina, pois os filhos dos primeiros palestinos e seus netos, cada vez mais, buscam exercer a profissão que escolheram dentro da própria cidade.

**Palavras-chave:** Palestina; Imigração; Práticas Culturais; Identidade.

**Abstract:** The purpose of this article is to illustrate cultural practices of Palestinians in Corumbá, in the extreme west of Mato Grosso do Sul. The primary data were collected by applying a questionnaire with open questions with ten leaders and older members of the community. Secondary sources were searched in books, scientific articles and reports from the city press. Corumbá has a strong Palestinian presence, as the children of the first Palestinians and their grandchildren increasingly seek to pursue the profession, they have chosen within the city itself.

**Keywords:** Palestine; Immigration; Cultural Practices; Identity

### **Introdução**

O ser humano em sociedade é regido por um sistema de costumes e tradições herdado socialmente e passado de geração para geração, e integra a vida do grupo social, fundamentado por valores sociais. Quem se afasta desses costumes e tradições do grupo se expõe à crítica e, por vezes, até à exclusão. De acordo com Hamid (2019), os costumes e tradições humanas cumprem importantes funções sociais, tais como: 1) preservam memórias cultivadas em reuniões familiares; 2) fortalecem laços familiares, estreitando o amor, a familiaridade e o

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** pertencimento, correntes em feriados e eventos oficiais e religiosos; 3) são pontes entre as gerações, que inspiram a comunicação, cultivam histórias e suscitam conversas sistemáticas entre jovens e idosos; 4) geram senso de identidade e de pertencimento no interior do grupo social e, ao mesmo tempo, o distingue de outros povos; e 5) conservam o patrimônio cultural.

Para Dietrich e Cecchetti (2013), costumes e tradições são palavras relacionadas. Compõem o patrimônio cultural herdado dos antepassados e são forças tendentes à sua reprodução. Por outro lado, não são fenômenos petrificados.

O objetivo desse artigo é ilustrar práticas culturais e questões identitárias de palestinos em Corumbá, Mato Grosso do Sul, região de fronteira com a Bolívia. O problema de pesquisa foi: quais as principais práticas culturais e identitárias da comunidade palestina de Corumbá? A hipótese é de que há uma tendência comunitária de manutenção da cultura por meio de reuniões, festas, práticas religiosas e outros costumes.

## **Metodologia**

Para colher os dados empíricos foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os dez mais antigos integrantes da comunidade palestina de Corumbá, entre eles, algumas lideranças, e registros fotográficos contemplaram a caracterização das atividades econômicas e culturais dos integrantes da comunidade na atualidade. Destaca-se que algumas fotografias cedidas pelos entrevistados são antigas e, parte delas, apesar do uso do *software Corel Photo*, não ficaram perfeitamente nítidas. Fontes secundárias complementaram o conjunto de informações que sustentaram a análise.

A pesquisa qualitativa investiga o processo central do estudo por meio de métodos para compreender o objeto de maneira ampla, sem desconsiderar as especificidades do contexto histórico-social vivido. A escolha por este tipo de pesquisa se relaciona ao tipo de informações colhidas, pois, preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências e comportamentos etc. (MARQUES *et al.*, 2017).

Os dados primários foram colhidos por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, preenchimento de ficha de identificação e aplicação de entrevista semiestruturada com perguntas abertas aos dez participantes, selecionados em razão do contato pessoal de um dos pesquisadores com os mesmos.

## A herança palestina

A palavra herança tem como significado “o que se aprendeu ou foi transmitido pelos pais, pelos ancestrais; legado, patrimônio”. É originada do latim “*haerentia*”, que quer dizer algo ligado, vinculado (RIBEIRO, 2021). Nesse sentido, a herança do povo palestino se traduziria na sua história ancestral, seu patrimônio material, como as edificações arqueológicas, seu artesanato e sua culinária, além de seu patrimônio imaterial, como seus costumes, crenças e as experiências ancestrais transmitidas de geração para geração. Essa herança assegura ao povo palestino sua singularidade, pois o distingue do restante dos povos, inclusive no mundo árabe.

As identidades nacionais, com seus símbolos e signos, expressos através de um conjunto de objetos nacionais de diferenciação, estão fortemente presentes na paisagem do lugar, mas, ao mesmo tempo, tais identidades se entrelaçam no ir e vir da vida cotidiana, dando origem a uma identidade mestiça, híbrida, marcada pela presença do outro, do internacional.

Trata-se de uma construção definida a partir de significados culturais que norteiam o processo de identificação e distinção do indivíduo ou de um grupo (ARAÚJO; HAESBAERT, 2007). É a fonte de significado e experiência. Como mencionou Castells (2020, p. 22): “[... A identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais interrelacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado ...]”.

O patrimônio cultural envolve duas partes: o patrimônio material ou tangível e o patrimônio imaterial. O patrimônio tangível ou material é vasto e rico, representado, principalmente, pelos registros arqueológicos que testemunham as civilizações que se desenvolveram em território palestino.

O mais importante marco do patrimônio arquitetônico da Palestina é a cidade de Jerusalém, onde está a Mesquita de Al-Aqsa, de grande relevância para os muçulmanos, além de muitas edificações que testemunham a ocorrência de sucessivas civilizações.

A vasta herança do povo palestino prossegue: a indumentária feminina, por exemplo, tornou-se famosa por seus elaborados bordados coloridos. As formas geométricas e florais lhe conferem uma estética singular. Sua importância pode ser deduzida do fato de ter se tornado patrimônio imaterial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089  
Ciência e a Cultura (UNESCO), no dia 15 de dezembro de 2021. De acordo com o Movimento  
pelos direitos do povo palestino e pela paz no Oriente Médio (MPPM):

A arte dos bordados tradicionais é generalizada na Palestina. Originalmente feita e usada nas zonas rurais, a prática é agora comum em toda a Palestina e entre os membros da diáspora. Na Palestina, a roupa da aldeia feminina consiste geralmente num vestido comprido, calças, casaco, touca e um véu. Cada peça de vestuário é bordada com uma variedade de símbolos, incluindo pássaros, árvores e flores. O bordado é cosido com fio de seda em lã, linho ou algodão, e a escolha de cores e desenhos indica a identidade regional da mulher e o seu estatuto matrimonial e econômico. O bordado é uma prática social e intergeracional em torno da qual as mulheres se reúnem e colaboram para complementar o rendimento da sua família. A prática é transmitida de mãe para filha e através de cursos de formação” (MPPM, 2021, p. 1).

**Figura 1.** Mulheres palestinas com vestimentas bordadas.



Fonte: Rahman (2021).

Na mesma matéria, o Ministro da Cultura da Palestina afirmou que o reconhecimento do bordado palestino pela UNESCO é importante para a conservação da cultura, tendo em vista as tentativas israelenses de “[...] roubar o patrimônio palestino e sua exposição à falsificação, roubo e destruição, a fim de protegê-lo e preservar as práticas sociais e rituais palestinos que o povo palestino herdou de seus pais e avôs [...]”. O tipo de vestimenta abaixo conhecido como *tôb*, ainda é usado em festas e eventos comunitários, especialmente em casamentos.

De acordo com Jamal Salem, chefe da Autoridade Palestina para a Cultura e as Artes:

O vestido palestino representa uma marca de herança de que as mulheres palestinas se gabam, e um meio cultural e patrimonial para enfrentar as políticas de ocupação, e varia em diferentes regiões e ambientes locais, e as mulheres palestinas fazem questão de preservá-lo, apesar das ondas de desenvolvimento e modernização, por meio da arte do bordado palestino, que se globalizou com essa dependência (MPPM, 2021).

A partir do universo cultural observam-se e identificam-se as percepções e concepções que os homens têm do mundo, dos lugares e dos objetos. Neste aspecto, o bordado palestino remonta à história de seu povo, suas lutas, sua ligação com a terra e a natureza. O Ministério da

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**  
Cultura da Palestina vem trabalhando na elaboração de instrumentos que assegurem a sua conservação, também como resposta à política de ocupação israelense. Quanto aos homens, o elemento mais característico da indumentária é o *keffiyeh*, um tipo de turbante preto e branco, que se tornou um símbolo da luta palestina contra o domínio e colonialismo israelense iniciado em 1948.

**Figura 2.** Homem usando *keffiyeh*.



**Fonte:** Istock (2007).

Uma prática cultural relevante da herança palestina é o *Dabke*, dança folclórica de celebração tradicional na região do Oriente Médio. É executada em grupo por uma longa junção de pessoas, desde as crianças até os idosos. Todos entrelaçam as mãos, batem com os pés no chão, cantando e se movendo em círculo ou ao longo de uma extensa linha. Também batem palmas para marcar o ritmo apropriado. Os passos rígidos e a forte marcação com os pés denotam o vigor físico necessário à execução dessa dança (CONSULADO GERAL DO LÍBANO, 2018).

Claval (2014) definiu cultura como a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. Para esse autor “a cultura permite a inserção do indivíduo no tecido social, dá significação à sua existência e dos seres que o circundam, e forma a sociedade da qual se sente membro” (CLAVAL, 2014, p. 89).

Consoante Ortiz (2006), a cultura é um agrupamento de princípios, de normas éticas, de costumes, crenças, formas de vida, cujos resultados são corporificados em arte, livros, danças, religião, modo de vestir, de falar, pinturas, dentre outros. O modo como o indivíduo compreende e apreende a cultura é o que permite a construção de sua identidade.

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**

Cultura é, portanto, arte, comportamento, estilo de vida, moda, alimentação, comunicação, relações de produção e de trabalho, campo de luta que se estabelece sobre o espaço. Bauman (2005) afirma que por meio do processo de auto categorização ou identificação uma identidade é formada e gera pertencimento. O grupo social é categorizado e rotulado. Esses mecanismos podem gerar incômodo. No mundo da pós-modernidade, caracterizada pela fluidez, rótulos e categorizações parecem rígidos.

Assim, a dança folclórica *Dabke* (Figura 3) é relativamente simples, realizada através da contagem de passos. A dança ganhou espaço profissional com o aparecimento dos festivais na década de 1960, que culminaram com a fixação de um padrão de excelência para essa forma de arte, e é acompanhada de três instrumentos essenciais: *Tabal*, *Mijwiz* e *Nâys*. (Figura 4). Ainda hoje essa dança se conserva de forma bastante original (CONSULADO GERAL DO LÍBANO, 2018).

**Figura 3.** Dança (*Dabke*) Palestina na Liga Árabe, em Corumbá, década de 1980.



**Fonte:** Arquivo do entrevistado nº 4 (2021).

**Figura 4.** *Tabal*, *Mijwiz* e *Nâys*, instrumentos musicais árabes.



**Fonte:** BIBLIASPA (2021).

No patrimônio intangível palestino também devem ser ressaltados as músicas e os provérbios populares, testemunhos da experiência comunitária do povo. Essas práticas sociais

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** são representadas nos rituais que acompanham os feriados islâmicos. As celebrações do *Eid al-Fitr*<sup>5</sup>, *Eid al-Adha*<sup>6</sup> e do aniversário do profeta Muhammad (s.a.w.s. - “Sallallahu alaihi wa sallam” = “Que Deus derrame paz e bênçãos sobre ele”) são datas festivas especiais, com a presença de comidas e doces. Correspondem a feriados cristãos, como o Natal e o Ano Novo, bem como as comemorações que acompanham a época de colheita, ocasiões de casamento e procriação (CONSULADO GERAL DO LÍBANO, 2018).

Segundo Jardim (2007, p. 202), “... manter os vínculos familiares leva inevitavelmente a reviver a identidade palestina, recriando de certa forma a própria base territorial ...”. A base principal da manutenção da herança palestina, portanto, é a família. Essa herança, trazida para o Brasil, teve que ser recriada, tendo como pano de fundo o idioma, os costumes e demais práticas culturais. Ademais, torna-se uma ferramenta que dá visibilidade ao esplendor das civilizações que habitaram a Palestina e, ao mesmo tempo, motiva o povo a conservá-la como legado. Daí o esforço das famílias palestinas para manter o ensino da língua em casa, os costumes religiosos, impondo-se à vontade dos filhos.

Costa (2012) afirma que a cultura é produzida socialmente numa perspectiva multidimensional, pois, os indivíduos e os grupos sociais são multiculturais, participando de um ou mais circuitos de identificação. Esse hibridismo cultural permite flexibilidade individual e coletiva. Como não existe uma cultura unificada, cada indivíduo interioriza sua realidade de um jeito muito particular, porém, esse mesmo indivíduo tende a agrupar-se em redes sociais, padronizando comportamentos.

Para Haesbaert (1999), esse processo gera um sentimento de pertencimento, e identitário. Essa identidade só se define em relação à outra e implica, necessariamente, em uma busca de reconhecimento. Afirma o autor: “ao envolver um processo de classificação e/ou distinção, a identidade cultural legitima um existir social onde a percepção das diferenças é fundamental para a afirmação do grupo social” (HAESBAERT, 1999, p. 175).

A alteridade é aqui fundamental. O ser humano é social, interage e depende de outros indivíduos. A existência do “eu” só é permitida mediante o contato com o outro, com o existir social. É a partir dessa relação dialética entre o “eu” e o “outro” que as aspirações e desejos individuais e coletivos são construídos.

---

<sup>5</sup> *Eid al-Fitr*: é uma celebração muçulmana que marca o fim do jejum do Ramadã.

<sup>6</sup> *Eid al-Adha*: é um festival muçulmano que sucede a realização do *hajj*, a peregrinação à Meca.

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**

Os imigrantes palestinos ao se deslocarem para Corumbá trouxeram consigo uma bagagem cultural que ao longo dos anos foi transmitida aos seus descendentes, o que nem sempre acontece, pois há povos migrantes que a perdem no decorrer do tempo. Desde a chegada dos primeiros palestinos, no início do século XX, foi central a preocupação de conservar e praticar suas tradições culturais. Incentivaram a unidade da comunidade criando, por exemplo, o clube “Liga Árabe Brasileira de Corumbá”, juntamente com sírios e libaneses. Criaram, também, um time de futsal chamado “Palestina” (Figura 5-A) e formaram um grupo de dança composto de seus filhos e filhas (Figura 5-B), que participava de festas e de datas comemorativas da comunidade e de eventos da cidade.

**Figura 5.** Time “Palestina” (A); Grupo de dança (B), Corumbá, década de 1990.



**Fonte:** Arquivo do entrevistado nº 1 (2021).

Como a identidade individual não é simples, pensar na identidade coletiva, que exija semelhança e igualdade é algo mais complexo. E como Hall (2006) observou, a identidade não é apenas ser, mas tornar-se. Neste sentido, a identidade é fluida e contingente em relação às circunstâncias sócio-históricas e culturais.

Bourdieu (2011, p. 8) ao analisar o poder de diferentes universos simbólicos como instrumento de construção e de conhecimento do mundo, dos objetos, e de si, revela que: “[...] É necessário saber descobri-lo, onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem [...]”.

Essa construção identitária se faz através da internalização, da autoconstrução e da individualização, organizando significados para o indivíduo e para o grupo social. Castells (2020, p. 23) define significado como a identificação simbólica. O poder simbólico é, para

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**  
Bourdieu (2011), nessa perspectiva, invisível e pode ser exercido por diferentes atores sociais, num universo relacional entre sujeitos. A identidade é e sempre está em processo. E para Hall (2006), é dinâmica, aberta, múltipla, contingente, condicionante e condicionada a espaço-temporalidades.

De acordo com Araújo e Haesbaert (2007, p. 97), “... a identidade não se restringe à questão: “quem nós somos?”, mas também “quem nós podemos nos tornar?”; desse modo, a construção da identidade tem a ver com raízes (ser), mas também com rotas e rumos (tornar-se, vir a ser) ...”.

Hall (2006) afirma que identidades são construídas a partir das raízes culturais (herança, memória, passado) e, também, a partir de mudanças e tendências sociais (futuro). É por meio dessa identidade que os seres humanos se reconhecem coletivamente como iguais, que se afeiçoam-se com os remanescentes componentes do grupo e que se diferenciam dos demais. O passado dá-lhes um sentido de identidade, de pertença e os faz conscientes da sua continuidade como pessoas através do tempo.

Para Castells (2020) a questão central que se coloca é identificar como essa identidade se constrói, a partir de que, por quem e porque isso ocorre. Assim, as identidades valem-se da história, da geografia, da biologia, das instituições produtivas, da memória coletiva.

Claval (2014), por sua vez, afirma que a família e a comunidade local representam as matrizes que asseguram e exercem o poder simbólico de transmissão de uma parte essencial da vida social. A partir daí, o indivíduo constrói o sistema social do qual ele participa. Esse sistema é constituído por papéis e *status* institucionalizados, que envolvem desde a divisão econômica do trabalho, aos preceitos morais inculcados desde a infância e que marcam profundamente as consciências individuais, até o território de vida, de cultura e de trabalho.

Conforme o autor supracitado, o território é a base material para a construção identitária. Toda a identidade cultural tem no território uma das referências para a sua construção, assim, a identidade cultural é, também, uma identidade territorial, com os lugares sendo carregados de sentido e significado para aqueles que os habitam e os frequentam. Nesse processo, conforme Haesbaert (1999), e Claval (2014) os lugares exercem um duplo papel: são ao mesmo tempo suportes e matrizes das culturas.

A construção da identidade envolve, também, relações de poder. O significado da identidade é construído através de negociações, de luta pela afirmação de uma determinada forma de representação. Esse processo é extremamente importante, pois, inclui realidades de

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**  
classes sociais a partir de uma construção territorial que é, ao mesmo tempo, reflexo e condicionante social. Bourdieu (2011, p. 10) adverte que as produções simbólicas podem ser utilizadas como instrumento de dominação. E consoante Bauman (2005, p. 83):

Identidade, sempre que se ouvir esta palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega [...]. A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa absoluta de ser devorado.

A identidade tem um caráter estratégico. Ela é, ao mesmo tempo, produto e produtora de lutas sociais e políticas e, em consequência, de disputas territoriais. E de lutas pela afirmação de uma determinada forma de representação. Bourdieu (2011) adverte que as produções simbólicas podem ser utilizadas como instrumento de dominação e apropriação.

Bauman (2005) acredita que identidade gera, necessariamente, disputa e negociação. Para esse autor, o campo de batalha é o lar natural da identidade. A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e fragmentação; uma intenção de devorar e, ao mesmo tempo, uma recusa absoluta de ser devorado. Essas lutas sociais e políticas que resultam em disputas territoriais possibilitam o desenvolvimento de uma região que, com isso, atrai mais pessoas para o local. A migração também se torna um fator de possibilitar o desenvolvimento regional.

Ao mesmo tempo em que lutam para manter sua identidade e cultura, os migrantes palestinos também buscam apreender a cultura do lugar onde vivem. As identidades são mantidas e há lutas por sua manutenção e respeito. São lutas sociais e políticas, que buscam resgatar espaços existenciais para um povo migrante, no sentido de manter sua cultura, sua identidade e, ao mesmo tempo, manter uma conexão com a identidade do povo local e a cultura regional.

A mistura e/ou a interrelação entre um povo e outro permite que haja múltiplas identidades e que essas constituam, cada etnia, um território, ainda que estejam em uma mesma região. Há, nesse caso, o desenvolvimento por meio das inter-relações, das trocas culturais, ao mesmo tempo em que há a manutenção da identidade original, mas que formam um só povo, apesar disso e que lutam pelo desenvolvimento do território e suas multifuncionalidades, identidades e culturas.

Corumbá (Banco de Cascalho no idioma tupi-guarani) é um município brasileiro do estado de Mato Grosso do Sul, Região Centro-Oeste do país. Possui atualmente cerca de 96.000,

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** sendo o quarto município mais populoso de Mato Grosso do Sul, o 11º maior município brasileiro e o maior do Mato Grosso do Sul e da Região Centro-Oeste. (MARTINS, 2003).

A data de fundação da cidade é 21 de setembro de 1778, tendo 246 anos. As disputas por território entre portugueses e espanhóis estão na origem da cidade cujo primeiro vilarejo surgiu em 1778, com o nome de Vila de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, fundada pelo sargento-mor Marcelino Rois Camponês, a mando do Governador da Capitania de Mato Grosso, o Capitão-General Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. (MARTINS, 2003).

Corumbá é uma cidade conhecida por sua diversidade cultural, com a presença de povos indígenas, sul-americanos como paraguaios e bolivianos, árabes, italianos e portugueses. Especificamente a respeito dos árabes-palestinos, estes chegaram em Corumbá após a autoproclamação do estado de Israel, na Palestina histórica, em 1948, fazendo os nativos migrarem porque foram expulsos de sua terra natal ou em busca de melhores condições de vida, agora prejudicada. (ROSA; CASTELÃO, 2014).

A maioria dos palestinos que se estabeleceu na cidade é originária da região da Cisjordânia, e residentes da pequena cidade de Kafr Malik. O fato geográfico de Corumbá ser uma cidade fronteiriça com a Bolívia, favoreceu a presença dos imigrantes em função das questões burocráticas e documentais que eram facilitadas no país vizinho. Atualmente, a cidade conta com cerca de 300 palestinos, sendo uma das maiores comunidades da diáspora palestina no Brasil, e a maioria é de religião muçulmana, professa o Islam. Traremos a seguir trechos das entrevistas que consideramos mais pertinentes para o escopo do trabalho.

## Entrevistas

O entrevistado nº 1 relatou como era antigamente a relação entre os membros da comunidade:

Desde minha chegada com a minha mãe em 1968, os palestinos eram unidos, um ajudava o outro, éramos como irmãos, quando um tinha uma festa ou um velório, todos nós íamos prestar apoio, nos reuníamos na Liga Árabe todos os domingos e os feriados, para almoçar juntos, para jogar *zajer* e baralho, íamos juntos ao balneário Lago Azul, a 35 Km da cidade. Mas infelizmente, essa relação de irmandade foi diluindo com o passar dos tempos, por volta de 2005.

**Figura 6.** Reunião de Famílias Palestinas na Liga Árabe, década de 1990.



**Fonte:** Arquivo do entrevistado nº 1 (2021).

O templo religioso dos muçulmanos, a mesquita, era e continua sendo um importante centro de reunião dos muçulmanos. Em particular os palestinos fazem celebrações em dia sagrado, toda sexta-feira, quando se fazem acompanhar de seus filhos para a prática do Islam.

**Figura 7.** Reunião de palestinos na mesquita de Corumbá, 2020.



**Fonte:** Arquivo do entrevistado nº 2 (2021).

Conforme relato do entrevistado nº 2:

A mesquita de Corumbá é um centro importante para os árabes em geral e para os palestinos em particular, sendo aqui são elaboradas aulas de língua árabe e são celebradas cerimônias de casamento islâmico e cerimônias de velório. São também celebradas as datas comemorativas de nossa religião, como o Ramadã, *Eid al-Fitr* e *Eid al-Adha*.

**Figura 8.** Fachada da mesquita de Corumbá.



Fonte: Arquivo do entrevistado nº 2 (2021).

O entrevistado nº 3, uma das pessoas que luta pela causa palestina e tem uma ótima relação com a sociedade política municipal, sempre publica matérias sobre a Palestina em jornais locais e participa de entrevistas na “Rádio Difusora”.

**Figura 9.** Matéria no jornal Folha de Corumbá, de 1995, escrita por membro da Comunidade Palestina.



Fonte: Arquivo do entrevistado nº 3 (2021).

Destaca-se que a televisão local, a TV Morena Corumbá, tem realizado reportagens sobre a cultura árabe e mulçumana na cidade, reveladoras da visibilidade e da importância das práticas culturais dos palestinos em âmbito local. A integração dos membros na cidade também gerou um comportamento de empatia em relação aos corumbaenses. Os membros da comunidade passaram a se preocupar não somente com os seus, mas também com todos os cidadãos com os quais convivem, conforme relatou o entrevistado.

O entrevistado nº 4, que chegou em Corumbá em 1965, relatou:

Nós, os palestinos, mesmo longe da nossa terra, nunca deixamos de amá-la e lutar pela nossa causa, tivemos muitas atividades políticas em prol disso, criamos a Associação Palestina – Brasil e com a criação de Liga Árabe fortalecemos mais. Os

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**

líderes palestinos em Corumbá começaram a dar palestras em universidades e começaram a receber apoio dos políticos da cidade naquela época, até hoje é essa relação muito forte entre os palestinos e os políticos, seja no poder executivo ou no legislativo – através das manifestações políticas, várias vezes os embaixadores palestinos visitaram a cidade (Entrevistado n° 4).

O entrevistado falou sobre as manifestações que os palestinos fizeram na cidade com o apoio dos árabes e dos brasileiros contra os atos de Israel nos Massacres de Sabra e Chatila em 1982. Chegou a ser cogitada a ideia de se decretar feriado municipal no Dia da Terra Palestina, 30 de março.

Até o ano de 2005, as festas de casamento dos palestinos eram realizadas na sede da Liga Árabe, situada na rua Antônio João, 959. Posteriormente, por falta de uso, a sede da entidade foi se deteriorando progressivamente, ao ponto de não ser mais possível sua utilização para festas e reuniões.

**Figura 10.** Visita do Representante do Governo Palestino a Corumbá, década de 1980.



**Fonte:** Arquivo do entrevistado n° 4 (2021).

**Figura 11.** Foto externa da Liga Árabe, 2020.



**Fonte:** Arquivo do entrevistado n° 4 (2021).

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**

Notou-se, também, desapego dos filhos dos palestinos migrantes em relação às tradições dos pais. Alguns deixaram de se casar na mesquita, por exemplo. Apesar desse fato, a culinária palestina se faz muito presente em Corumbá durante a realização de festas e cerimônias e em reuniões familiares.

A entrevistada nº 5, nascida em 1965, chegou em Corumbá no dia 21 de setembro de 1990. Casou-se em 1991 e trabalha no ramo de alimentos. Produz pratos tradicionais da culinária palestina como coalhada, pão árabe e pasta de grão-de-bico. Ao ser perguntado sobre o que mudou nas relações entre os patrícios, disse:

“[...] Quando cheguei aqui sempre nos reunimos nos sábados à noite, cada semana na casa de alguns de nós, os nossos filhos eram muitos grudados e pareciam irmãos de tanto tempo que ficavam juntos, mas com o passar do tempo isso foi mudando, até que chegamos a um ponto que quase não nos falamos mais [...]”.

O fato de as famílias se distanciarem ocorreu por causa da rotina, segundo a entrevistada nº 5, que afirma: “[...] conforme os nossos filhos foram crescendo e os mais antigos foram falecendo isso foi mudando e, também, com as dificuldades da vida, cada um de nós está mais focado em trabalhar para conseguir sustentar a sua família. As pessoas com o tempo mudam”.

**Figura 12.** Festa Palestina em Corumbá na Liga Árabe, década de 1990.



**Fonte:** Arquivo da entrevistada nº 5 (2021).

Atualmente, os membros da Comunidade Palestina se reúnem ocasionalmente, em aniversários ou festas de casamento. Usam suas próprias casas ou salões de festas alugados. Nessas oportunidades cantam músicas árabes, dançam e servem pratos tradicionais palestinos, a exemplo da Macluba (arroz acompanhado de carne de frango ou carneiro, legumes e castanhas).

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089  
Figura 13. Macluba (A); Festa Palestina (B), em Corumbá, 2020.



Fonte: Arquivo da entrevistada nº 5 (2021).

Os palestinos procuram conservar sua cultura e transmiti-la aos filhos e netos, por meio da aprendizagem da língua e das festas tradicionais. O culto religioso, apesar de algumas mudanças, é conservado em sua essência.

### Considerações finais

A migração do povo palestino ocorreu devido às guerras e perseguições promovidas por Israel. Muitas famílias que decidiram vir para a América do Sul em busca de melhores oportunidades de vida. A escolha do Brasil não ocorreu ao acaso. Sempre foi dito que o país era pacífico, que recebia povos de todas as nações, sem distinção de raça, cor, etnia e religião, oferecendo oportunidades para todos se estabelecerem e prosperarem.

Os palestinos trouxeram seus costumes, crenças, religião e língua. De início, dedicaram-se, sobretudo, ao comércio ambulante na condição de mascates. Em seguida, construíram edifícios, fixaram seus negócios e suas residências e passaram a empregar trabalhadores locais. Hoje estão diversificando suas atividades econômicas. Já há os que se transformaram em proprietários de terras e vivem da pecuária. Alguns investiram em imóveis e vivem de rendas deles provenientes. Apesar das dificuldades iniciais de adaptação, prosperaram e passaram a contribuir de forma relevante ao desenvolvimento da região.

As segundas e terceiras gerações de palestinos, nascidas em Corumbá, se adaptaram aos costumes brasileiros. Inclusive as mulheres passaram a ter a liberdade de estudar e de exercer uma profissão, ainda que casadas. A maioria ainda conserva a prática do culto religioso e há estímulo para que os jovens se casem com descendentes de palestinos, embora nem sempre ocorra o resultado desejado. A culinária é uma prática cultural viva que ajuda a estreitar as

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089  
relações entre os palestinos, ela se faz presente nas celebrações religiosas e familiares e as  
vestimentas tradicionais também são usadas nessas ocasiões.

## Referências

ARAÚJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. (orgs). **Identidades e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Acess, 2007.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BIBLIASPA. **Biblioteca y Centro de Investigación América del Sul-Países Árabes-África**. Instrumentos musicales árabes. Fotos de Edouard Fraipont. 2021. Disponível em: <<https://bibliasp.org/musica/a-musica-arabe/strumentos-musicais-arabes/>>. Acesso em: 4 jan. 2021.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

CECCHETTI, E.; RISKE-KOCH, S. (Orgs.). **Diversidade religiosa e direitos humanos**: conhecer, respeitar e conviver. Blumenau: Edifurb, 2013.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CONSULADO GERAL DO LÍBANO. **قنصلية لبنان العامة في ريو دي جانيرو**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://riodejaneiro.mfa.gov.lb/riodejaneiro/arabic/home>>. Acesso em: 7 mar. 2022.

COSTA, E. A. **Os bolivianos em Corumbá-MS**: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, v. 4, n. 7, p. 17-33, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4692>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

DIETRICH, L. J.; CECCHETTI, E. **Religiões Monoteístas**: conhecimentos para encontros e diálogos em convivências respeitadas. p. 137-166. In: FLEURI, Reinaldo Matias; OLIVEIRA, Lilian Blanck de; HARDT, Lúcia Schneider.

HAESBAERTH, R. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMID, S. C. **(Des)integrando refugiados**: os processos do reassentamento de palestinos no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 169-186, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**  
ISTOCK. **Banco de imagens e fotos.** Seattle, 2007. Disponível em:  
<<https://www.istockphoto.com/br/fotos/2007>>. Acesso em: 7 mar. 2022.

JARDIM, D. F. **Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora: experiências identitárias e aduaneiras.** Cadernos Pagu, Campinas, v. 29, p. 193-225, dez. 2007.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000200009>.

MARQUES, H. R.; MANFROI, J.; CASTILHO, M. A.; NOAL, M. L. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.** 5. ed. Campo Grande: UCDB, 2017.

MARTINS, J. H. **A História de Corumbá.** Maringá: Digimax, 2003.

MPPM. **Movimento pelos direitos do povo palestino e pela paz no Oriente Médio.** Bordados palestinos inscritos no Patrimônio Imaterial da Humanidade. 17 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://www.mppm-palestina.org/content/bordados-palestinos-inscritos-no-patrimonio-imaterial-da-humanidade>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RAHMAN, M. A. اعتراف اليونسكو بـ"التطريز الفلسطيني" حفظ لهوية فلسطين **Gaza**, 23 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://m.arabi21.com/Story/1406233>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

RIBEIRO, D. **DICIO - Dicionário On-line de Português.** 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/heranca/>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

ROSA, M.; CASTELÃO, R. A. Os árabes em Corumbá: uma rede de cooperação. **Albuquerque**, Revista de História. vol. 6, n. 12. jul.-dez., p. 70-86. 2014.